



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ISSN: 1806-9584

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de
Santa Catarina

Souza, Lívia Santos de
Sobre o feminismo decolonial
Revista Estudos Feministas, vol. 29, núm. 1, e72726, 2021, Janeiro-Abril
Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação
e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n172726>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38168080034>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UABEM 

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Sobre o feminismo decolonial

On Decolonial Feminism

Lívia Santos de Souza¹  0000-0003-4406-5415

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Centro Interdisciplinar de Letras e Artes, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. 85866-000 – coordenacao.cila@unila.edu.br



HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.).

Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais.

Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 381 p.

A terceira obra da série *Pensamento Feminista*, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda (2020), reúne alguns textos fundamentais para a compreensão do feminismo a partir da perspectiva decolonial, uma das vertentes teórico-epistemológicas que mais tem ganhado espaço nos estudos latino-americanos hoje. Essa abordagem direcionada é o grande trunfo do volume, já que consegue garantir a coesão interna do livro e estimular reflexões de grande relevância para as diversas áreas do conhecimento que dialogam com os estudos feministas hoje.

O texto de abertura assinado pela organizadora introduz de forma muito adequada o volume, apresentando as partes que o compõem e fazendo uma breve apresentação histórica do que foi o chamado giro decolonial. Ao mesmo tempo, em sua introdução, Heloísa lida com a urgência das questões que o feminismo decolonial coloca: “Como construir um feminismo sem levar em conta as perspectivas originárias? Sem absorver as gramáticas das lutas e dos levantes emancipatórios que acompanham nossas histórias? Como podemos reconsiderar as fontes e conceitos do feminismo ocidental?” (Heloísa Buarque de HOLLANDA, 2020, p. 12), são perguntas feitas pela autora ainda nesse trecho inicial e que serão respondidas de diversas formas – e por vezes igualmente diversas – ao longo das 380 páginas do livro.

O volume está organizado em três partes, “Desafiando Matrizes”, “Práticas Decoloniais” e “Outras Línguas: Três artistas brasileiras”, de modo a fazer um recorte bastante abrangente, tanto temporal quanto geográfico, do chamado feminismo decolonial. Há desde textos do fim da década de 1980, como “Por um Feminismo-Afro-Latino-Americano” de Lélia Gonzalez, até textos publicados pela primeira vez em 2019, como “Fazendo uma genealogia da experiência” de Yuderkis Espinosa Miñoso.

Os oito textos que compõem a primeira parte do livro têm origens bastante distintas, três autoras do Brasil, duas da República Dominicana, uma da Argentina, uma da Argélia e uma da Nigéria. Nessa primeira seção acessamos alguns dos textos mais paradigmáticos para os estudos de gênero que dialogam com a perspectiva colonial: “Colonialidade e gênero”, escrito por María Lugones é talvez o nome mais representativo nesse sentido. Nesse texto a autora parte da noção de colonialidade de Quijano para, embora reconhecendo toda a relevância do trabalho do intelectual peruano, evidenciar as limitações de suas considerações sobre a colonialidade de gênero. Lugones, então, reitera a situação de apagamento que das mulheres colonizadas no discurso capitalista eurocêntrico.

Outro capítulo fundamental da primeira parte do livro é “Por um feminismo afro-latino-americano” de Lélia Gonzalez. A inclusão desse texto, especialmente inovador para o contexto de

sua publicação em 1988, é significativa para o reconhecimento do pioneirismo de Lélia Gonzalez, já que trata da intercessão entre racismo e feminismo a partir da realidade latino-americana décadas antes que esse movimento seja feito por outras intelectuais no continente. Ao ler as muitíssimas atuais considerações de González sobre a relação entre capitalismo, racismo e opressão das mulheres afro-americanas e ameríndias, não restam dúvidas sobre a afinidade de suas ideias com a perspectiva decolonial.

Merecem destaque também os textos escritos por autoras africanas incluídos nessa primeira seção, “Decolonizando o Feminismo (mulheres argelinas em questão)”, da argelina Marnia Lazreg, e “Conceituando o Gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas”, da nigeriana Oyèronké Oyìwùmí. Ambos são excelentes mostras de como a ruptura com epistemologias hegemônicas – que marca o chamado giro decolonial – tem grande força no pensamento africano contemporâneo. Lazreg nos convida a repensar a validade da categoria mulher árabe como um bloco homogêneo e oprimido pela religião e a ressignificar símbolos dessa redução como o véu. Oyìwùmí, que é citada no texto de Lugones, desconstrói com maestria a naturalidade do conceito ocidental de família generificada, demonstrando como as noções tradicionalmente universalizadas de patriarcado e gênero não fazem sentido na realidade iorubá tradicional.

Os capítulos “Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica da América Latina” e “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial” escritos pelas autoras dominicanas Yuderkis Espinosa Miñoso e Ochy Curiel, respectivamente, apresentam um interessante ponto comum: ambas enfatizam a necessidade de ruptura com determinados valores do chamado feminismo ocidental. Espinosa Miñoso não hesita em criticar o feminismo latino-americano que sempre buscou se encaixar nos padrões determinados pelo pensamento eurocêntrico e reivindica abertamente um feminismo que parta da experiência latino-americana. Em profunda sintonia com o texto de sua contemporânea, Curiel demanda o desenvolvimento de metodologias adequadas ao contexto latino-americano.

A necessidade de questionamento dos feminismos eurocêntricos e do desenvolvimento de novas epistemologias a partir do sul também move os textos escritos pelas brasileiras Susana de Castro e Suely Aldir Messeder: “Condescendência: estratégia pater-colonial de poder” e “A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico”. No primeiro, a professora/pesquisadora faz um recorrido histórico no pensamento decolonial em relação às questões de gênero, passando por vários dos nomes que integram o livro, como María Lugones e Yuderkis Espinosa Miñoso. O texto de Messeder trata de questões bastante semelhantes, embora adote uma perspectiva bastante distinta. A autora reflete a partir de sua experiência com o trabalho etnográfico para evidenciar também a necessidade de se mudar a forma como o saber científico é construído.

Destaco também nessa primeira parte a ausência de um nome que me parece fundamental para a reflexão sobre pensamento feminista e decolonialidade: Gloria Anzaldúa. A célebre autora de origem *chicana* aparece em *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (2019) – primeiro volume da coleção –, assim como María Lugones, mas diferente da professora argentina, não tem um novo texto publicado em *Perspectivas Decoloniais*. Muito pouco da obra de Anzaldúa está traduzido para o português e, sem dúvidas, muitos de seus textos apresentam uma afinidade inquestionável com essa coletânea organizada por Heloísa Buarque de Hollanda.

A segunda parte do livro, denominada “Práticas Decoloniais” reúne outros oito textos que, desde pontos de vista bastante distintos entre si, buscam pensar questões como os direitos humanos, o movimento ambiental e a tradução a partir do feminismo decolonial. São textos que em certos momentos desafiam a própria tradição da escrita acadêmica tradicional. Em “Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental”, Julieta Paredes Carvajal apresenta o feminismo comunitário com base na organização familiar tradicional andina em um texto que mescla diagramas, listas, entre outros elementos gráficos pouco usuais em textos acadêmicos das ciências humanas.

Outro texto a desafiar as formas acadêmicas tradicionais é “Carta de uma ex-mulata a Judith Butler” escrito por Angela Figueiredo. A autora adota um gênero dialógico, a carta, para reposicionar alguns dos conceitos de Butler na realidade brasileira. “Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão”, de Maria Elvira Díaz Benítez, também nessa segunda parte do livro, trata da interseccionalidade em perspectiva decolonial para pensar o feminismo latino-americano hoje. Seguindo essa mesma linha, em “Nossos feminismos revisitados”, Luiza Bairros explicita a necessidade de transformação de conceitos fundamentais para o feminismo para que esse possa efetivamente incluir a mulher negra.

“Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento” escrito por Alba margarita Aguinaga Barragán, Miriam Lang, Dunia Mokrani Chávez e Alejandra Santillana parte de um debate fundamental para os feminismos não-hegemônicos, mas frequentemente

negligenciado: a economia. Ao tecer uma crítica ao desenvolvimentismo que caracterizou economicamente o colonialismo no sul global, incluindo o machismo como elemento ideológico fundamental, as autoras conseguem estabelecer uma extremamente necessária associação entre capitalismo, colonialismo e opressão de gênero. Trazendo à tona temas como economia feminista e economia do cuidado, o texto monta um panorama abrangente e propositivo das principais reflexões atuais sobre feminismo e desenvolvimento.

Maria da Graça Costa, autora de “Agroecologia, ecofeminismos e bem viver: emergências Decoloniais no movimento ambientalista brasileiro”, e Thula Rafaela de Oliveira Pires, com “Por uma noção amefricana de Direitos Humanos”, têm em comum – embora tratem de temas aparentemente distantes entre si – seu esforço de denúncia de categorias vistas pelo conhecimento hegemônico como universais, tais quais preservação ambiental e direitos humanos. Ambas as autoras refletem sobre os impactos das questões de gênero e raça para o tratamento desses assuntos, absolutamente relevantes na contemporaneidade.

No último texto dessa segunda parte, “Feminismos Decoloniais e a política e a ética da tradução”, Claudia de Lima Costa parte da leitura e da releitura de uma pintura de Manet para refletir sobre a importância da tradução não só como movimento linguístico, mas também como um exercício-chave para a formação das epistemologias feministas decoloniais. Sem dúvidas, esse é um capítulo fundamental para pensar as contribuições do feminismo decolonial para a crítica artística.

A terceira e última parte reúne reproduções de obras de três artistas plásticas, Adriana Varejão, Rosana Paulino e Marcela Cantuária. Trata-se de uma seção que trabalha questões evidenciadas nos textos teóricos, a partir de outras linguagens. Varejão, ao utilizar elementos tradicionais da estética colonial portuguesa – como os azulejos e técnicas de pintura que remetem ao século XVII –, representa a violência do colonizador em relação às mulheres dos povos originários e escravizados, com grande destaque para a violência sexual. Isso se dá tanto a partir da representação gráfica, em quadros que incluem a representação de um padre português em pleno ato sexual com uma mulher escravizada quanto através de intervenções nessas mesmas obras, as telas de Varejão têm fendas, cortes que remetem simultaneamente à brutalidade das ações e à vagina.

As obras de Rosana Paulino e Marcela Cantuária, embora utilizem suportes visuais muito distintos, a primeira compõe instalações que se utilizam principalmente de elementos têxteis como bastidores para bordados e patuás; já a segunda artista trabalha com pintura. Ambas têm em comum a defesa de um feminismo indissociável das questões raciais, de classe e do meio ambiente. Entre as obras reproduzidas no livro, “Bastidores”, de Paulino, traz fotos de mulheres negras com costuras que cobrem seus olhos e bocas; e, “Voltarei e serei milhões”, de Cantuária, retrata Marielle Franco sentada sobre uma pantera negra, empunhando uma lança fincada com a cabeça do atual governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, são exemplos de como a arte contemporânea pode mobilizar valores fundamentais para o feminismo decolonial ao mesmo tempo em que fomenta resistência e promove denúncia.

Um dos méritos do livro é seu potencial didático. Ao reunir em português textos fundamentais para entender as contribuições da perspectiva decolonial para os estudos de gênero, o livro se torna uma interessante alternativa para fomentar o diálogo com pensadoras latino-americanas e africanas em cursos e disciplinas relacionadas aos estudos feministas. Outro elemento que merece destaque é a qualidade do projeto gráfico da edição. *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais* é um livro extremamente bem acabado com uma diagramação que torna a leitura agradável. O cuidado gráfico é especialmente relevante para a terceira parte do livro, que apresenta o trabalho das três artistas já mencionadas: Adriana Varejão, Rosana Paulino e Marcela Cantuária. A qualidade das reproduções das obras tem grande impacto na relação que constroem com os outros textos do livro.

Dessa forma, é uma obra extremamente necessária por reunir um conjunto de textos fundamentais para a compreensão do pensamento feminista latino-americano hoje. Trata-se, portanto, de um livro que aporta contribuições não apenas para os estudos de gênero e feministas, mas para qualquer exercício intelectual das humanidades que pretenda um olhar mais amplo para as mulheres do sul global.

Referências

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. “Introdução”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 11-34.

Lívia Santos de Souza (42liviadesouza@gmail.com) é professora de espanhol e literaturas latino-americanas na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), atua no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Desenvolve pesquisas nas áreas de estudos da tradução e literatura comparada com especial interesse na temática das comunidades latinas nos Estados Unidos.

COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

SOUZA, Lívia Santos de. "Sobre o feminismo decolonial". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e72726, 2021.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebida em 03/04/2020
Reapresentada em 27/05/2020
Aprovada em 03/07/2020

